

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL NOS LIVROS DIDÁTICOS (1970 - 90)

Tatiana Gomes Beltrão¹, Prof^a Valéria Regina Zanetti²

¹ UNIVAP/ Curso de História/ Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica/ IP&D, Avenida Shishima Hifume, 2911- Urbanova/ SJC Campos/SP, e-mail: thaty_historia@hotmail.com..

² UNIVAP/ Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica/ IP&D, Avenida Shishima Hifume, 2911- Urbanova/ SJC Campos/SP, e-mail: vzanetti@univap.br.

Resumo - O presente trabalho tem por objetivo analisar o conteúdo do tema “Descobrimto do Brasil” nos livros didáticos, da disciplina de História no ensino Fundamental (Ciclo II: 5ª a 8ª séries), compreendendo o período de final da década de 1970, até início da década de 1990. O foco da pesquisa será tratar os conceitos apresentados no livro didático de História, bem como as suas concepções históricas, no que se refere à análise crítica ou conservadora. Além do livro didático e da história da educação brasileira, devemos considerar as mudanças nas perspectivas de análise e compreensão da Ciência História. Sobretudo porque entende-se que a produção didática é bastante influenciada por mudanças no âmbito da epistemologia do conhecimento, no caso, históricas. Nesse sentido, é fundamental perceber também as visões dos próprios professores de História.

Palavras-chave: livro didático – educação – metodologias – história – Descobrimto do Brasil – abordagem histórica

Área do Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Este trabalho nasceu de uma experiência centrada na Educação, na tentativa de compreender porque o ensino de História tomava e toma características e funções específicas em cada tempo histórico e como, em decorrência de novas exigências histórico-sociais vai assumindo novas funções e características. (RIBEIRO, pp 89, 1986).

Partindo desta perspectiva, a análise do Livro Didático torna-se peça chave para a compreensão deste processo complexo. Testemunhos de conteúdos de naturezas diversas no que tange a valores morais, éticos, sociais, cívicos e patrióticos, os livros escolares que serviram de guia para professores e alunos ainda têm muito a ser desvendado. (CORRÊA, pp 90, 2005).

Descortiná-lo requer levar em consideração dois aspectos: primeiro, trata-se de um tipo de material de significativa contribuição para a história das mentalidades e das práticas educativas ao lado de outras fontes escritas, orais e iconográficas e, segundo, ser portador de conteúdos reveladores de representações e valores predominantes num certo período de uma sociedade que, simultaneamente à historiografia da educação e da teoria da história, permitem rediscutir intenções e projetos de construção e de formação social. (CORRÊA, pp 102, 2005).

Materiais e Métodos

O presente trabalho foi estruturado através da análise de fontes primárias e secundárias.

Como fonte primária foram analisados alguns livros didáticos utilizados nas escolas públicas estaduais, através de uma lista fornecida pelo MEC, nas épocas em questão, como também depoimentos de professores que utilizam o livro didático na sala de aula.

Para subsidiar a discussão foram utilizados trabalhos de estudiosos do assunto, como Peter Burke (1992), Maria Lúcia de Arruda Aranha (1997), Maria de Lourdes Chagas Deiró Nosella (1981), Nelson Piletti (1989), Maria Laura P. Barbosa Franco (1982).

Discussão

O livro didático e a educação formal não estão deslocados do contexto político e cultural e das relações de dominação, sendo, muitas vezes, instrumentos utilizados na legitimação de sistemas de poder, além de representativos de universos culturais específicos. “(...) Atuam, na verdade, como mediadores entre concepções e práticas políticas e culturais, tornando-se parte importante da engrenagem de manutenção de determinadas visões de mundo.” (FONSECA, 1999: 204)

Qual o papel do estudo da História na formação dos alunos? Para os professores, o processo educacional hoje tem como objetivo principal formar cidadãos dotados de visão crítica da

realidade e de espírito participativo. A disciplina de História, assim como todas as disciplinas, pode ter influência decisiva na formação da **visão crítica** ao fornecer ao aluno um instrumental que o auxilie na interpretação da realidade vivenciada por ele. Assim, o aluno pode perceber que essa realidade não é eterna e tampouco imutável, mas conseqüências das ações de pessoas como ele, que viveram em tempos e espaços diferentes. (PILETTI, pp 88, 1999).

Para colaborar com essas definições, a escola pode utilizar como recurso o Livro Didático de História, que pode oferecer elementos para a concretização dos objetivos propostos por professores, pais e alunos, bem como favorecer a compreensão dos acontecimentos no decorrer do tempo, ou seja, os vários processos históricos que compõe o nosso passado.

Para desempenhar tão fundamental papel, entendemos que a função básica de um livro didático de história é oferecer um conteúdo diversificado, coerente e atualizado, mas que por si só não é capaz de preencher todos os requisitos didáticos, mas sim, que é um importante instrumento didático, que agregado à outras metodologias tem a função de estimular o desenvolvimento de diversas competências, como as de reflexão, comparação, análise, síntese, dedução e memorização.

Com isso, entende-se que o livro didático possa constituir referência importante para as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, trazendo conteúdos e apresentando técnicas para o desenvolvimento do aprendizado. Já que: nós, os seres humanos, fomos condenados à liberdade, (...), condenação e libertação como partes inseparáveis do ser individual e social que é o homem, (...), somos, ao mesmo tempo, as duas coisas, constantemente, em cada momento, escravos e livres. (PILETTI, pp 29, 1996). Com a Educação, e mais precisamente, com a disciplina de História acontece o mesmo: trata-se de um processo que escraviza e liberta simultaneamente, mas do qual ninguém consegue escapar.

Partindo do pressuposto que *toda nova abordagem histórica se origina de um acontecimento que determina o rumo da própria história*, (BURKE, pp 07, 1990), há a necessidade de abordar os acontecimentos históricos e confrontar com o conteúdo do Livro Didático no Ensino Fundamental – Ciclo II, assim, pretendo acompanhar e pontuar fatos históricos com realidade social, a partir desta análise, onde o livro didático surge como produto cultural, podendo assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares.

A partir da nova Constituição, os educadores e suas entidades representativas mobilizaram-se

para oferecer propostas à nova lei de Diretrizes e Bases da educação. (PILETTI, 1996, pp 160). A democratização da escola, a interação entre escola e comunidade, o diálogo entre professores e alunos, conteúdos, métodos e recursos apropriados e adoção de uma nova filosofia da educação são condições indispensáveis à superação dos graves problemas da educação brasileira. (PILETTI, 1996, pp 161).

A partir de uma breve análise dos acontecimentos históricos, das épocas em questão, pode-se dar um ponto de partida para analisar quais influências o livro didático oferece ao estudante, através do seu conteúdo, e quais linguagens ideológicas pretende assumir enquanto instrumentos transmissores de idéias e conhecimentos, que através de uma prática podem transformar ou conservar a realidade. (FARIA, 1986, pp 07).

O livro didático tem despertado interesse de muitos pesquisadores nas últimas décadas. Depois de ter sido desconsiderado por bibliógrafos, educadores e intelectuais de vários setores, entendido como produção menor enquanto produto cultural, o livro didático começou a ser analisado sob várias perspectivas, destacando-se os aspectos educativos e seu papel na configuração da escola contemporânea.

O livro didático é um objeto cultural contraditório que gera intensas polêmicas e críticas de muitos setores, mas tem sido nos últimos anos, considerado como um instrumento fundamental no processo de escolarização. No caso brasileiro, os investimentos realizados pelas políticas públicas nos últimos anos transformaram o Programa Nacional de Livro Didático (PNLD) no maior programa de livro didático do mundo, as relações contraditórias estabelecidas entre livro didático e a sociedade tem instigado investigações variadas, por meio das quais é possível identificar a importância desse instrumento de comunicação, de produção e transmissão de conhecimento, integrante da “tradição escolar” há, pelo menos, dois séculos. (BITTENCOURT, pp 125, 2003).

As pesquisas e reflexões sobre o livro didático realizadas nas últimas décadas possibilitam apreendê-lo em sua complexidade. Apesar de ser um objeto bastante familiar e de fácil identificação, é praticamente impossível defini-lo. Pode-se constatar que o livro didático assume ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. Por ser um objeto de “múltiplas facetas”, o livro didático é pesquisado enquanto produto cultural; como mercadoria ligada ao mundo editorial e dentro da lógica de mercado capitalista; como suporte de conhecimentos e de métodos de ensino das diversas disciplinas e

matérias escolares; e, ainda, como veículo de valores, ideológicos ou culturais. (FARIA, 1986).

A partir dos anos 1980, muitos dos problemas relacionados ao conteúdo ou ao processo de produção e uso do livro didático por professores e alunos passaram a ser analisados em uma perspectiva histórica, constituindo-se tais análises em uma das vertentes mais importantes desse campo de investigação. Os objetivos centrais de tais análises são o de situar o processo de mudanças e permanências do livro didático — tanto como objeto cultural fabricado quanto pelo seu conteúdo e práticas pedagógicas —, considerando sua inserção hoje, quando se introduzem, em escala crescente, novas tecnologias educacionais, as quais chegam a colocar em xeque a própria permanência do livro como suporte preferencial de comunicação de saberes escolares.

Conclusão

Para Paulo Freire, mestre que ensinou várias gerações de educadores a ler a leitura e a escola, ela é um lugar especial. Também especial é o material escolar, que se pode definir como o conjunto de objetos envolvidos nas atividades-fim da escola. Tudo aquilo que ajuda a aprendizagem que cumpre à escola patrocinar — computadores, livros, cadernos, vídeo, canetas, mapas, lápis de cor, televisão, giz e lousa, entre outras coisas — é material escolar. Entre esses elementos mais essenciais destacam-se os livros.

Em sociedades como a brasileira, livros didáticos e não-didáticos são centrais na produção, circulação e apropriação de conhecimentos, sobretudo dos conhecimentos por cuja difusão a escola é responsável. Dentre a variedade de livros existentes, todos podem ter — e efetivamente têm — papel importante na escola.

Didático, então, é o livro que vai ser utilizado em aulas e cursos, que provavelmente foi escrito, editado, vendido e comprado, tendo em vista essa utilização escolar e sistemática. Sua importância aumenta ainda mais em países como o Brasil, onde uma precaríssima situação educacional faz com que ele acabe determinando conteúdos e condicionando estratégias de ensino, marcando, pois, de forma decisiva, o que se ensina e como se ensina o que se ensina.

Por desfrutar de uma tal importância na escola brasileira, o livro didático precisa estar incluído nas políticas educacionais com que o poder público cumpre sua parte na garantia de educação de qualidade para todos. Pela mesma razão, a escolha e a utilização dele precisam ser fundamentadas na competência dos professores que, junto com os alunos, vão fazer dele (livro) instrumento de aprendizagem.

Assim, para ser considerado didático, um livro precisa ser usado, de forma sistemática, no ensino-aprendizagem de um determinado objeto do conhecimento humano, geralmente já consolidado como disciplina escolar. Além disso, o livro didático caracteriza-se ainda por ser passível de uso na situação específica da escola, isto é, de aprendizado coletivo e orientado por um professor.

O livro didático não pode ser compreendido isoladamente, fora do contexto escolar e social. É um produto cultural — com suas especificidades, é claro — e, portanto, conformado segundo a lógica da escola e da sociedade onde está inserido. Numa sociedade de classes, capitalista, como a brasileira, o livro didático não poderia fugir à lógica que rege esta sociedade, em que as classes dominantes procuram, não só garantir e ampliar a acumulação de capital (e o livro didático deve ser visto como atividade econômica que possibilita isso), como também veicular as visões que lhes interessam e neutralizar possíveis oposições. (DAVIES, pp 69, 1991).

Durante muitos anos os livros didáticos de História constituíam-se em manuais que apenas se limitavam a indicar quando os fatos históricos haviam ocorrido, quais eram “os grandes personagens” envolvidos e como tomaram decisões políticas importantes. Eram, portanto, *um material didático que priorizava exclusivamente o lado factual da História (numa linha positivista), sem tecer considerações sobre os aspectos sociais, econômicos e culturais de nossa realidade histórica.* (PAULA, Ricardo de. UNESP, 2003).

Principalmente durante o período em que vigorou a ditadura militar, os tristes “anos de chumbo”, os livros didáticos de História foram utilizados como instrumentos de manutenção do *status quo*, ou seja, a vigência de um regime de força, comprometido com as classes dominantes e a maior penetração do capital estrangeiro, não havendo espaço para qualquer tipo de contestação ao sistema. Nesta época foram implantados ao currículo das escolas os contestados cursos de OSPB (Organização Social e Política Brasileira) e Educação Moral e Cívica, visando exaltar o nacionalismo e o civismo dos alunos, numa tentativa de reafirmação do regime. Os livros didáticos que foram lançados nesta época, com raras exceções eram factuais e muito pouco reflexivos e analíticos.

Com o fim do regime militar e a abertura política que se seguiu, o nível das publicações melhorou de forma relativa, com textos mais densos e que procuravam despertar uma visão mais crítica dos fatos, desmistificando a história positivista e demagógica dos “grandes temas” e dos “grandes heróis nacionais”.

Nos últimos anos, além de um forte movimento de expansão dos livros paradidáticos, verificamos também na área do ensino de História uma

tendência denominada *História Integrada* (PILETTI, 1998), que foi se consolidando através do lançamento de livros didáticos que buscam integrar a História Geral, das Américas e do Brasil ao longo das quatro séries do Ensino Fundamental (ciclo II).

O livro didático tem, assim, tanto uma dimensão econômica quanto político-ideológico. A sua dimensão econômica pode ser definida pelo fato de que responde por cerca da metade do mercado editorial brasileiro (MEC, 1999). O seu aspecto político-ideológico define-se por conteúdos que, em várias disciplinas veiculam uma visão de mundo favorável às classes dominantes, a sociedade está, fundamentalmente, dividida em duas classes sociais (a classe dominante – a que detém o poder econômico e político, e a classe dominada – a que é explorada) (...) isso se reflete na estrutura educacional dessa mesma sociedade, que jamais adotará o homem como seu objetivo central, no sentido de ajudá-lo a identificar as contradições sócio-econômicas da formação social em que vive e a encontrar possibilidades de superação dessas contradições. O objetivo central da formação social capitalista será sempre, essencialmente, o lucro.(NOSELLA, pp 190, 1981). Já foi salientado à exaustão, por exemplo, como os livros didáticos de História procuraram e procuram ainda construir uma memória oficial, onde têm vez os “grandes homens” das classes dominantes, o nacionalismo, e onde os conflitos sociais são omitidos ou atenuados.

Se esta interpretação, inspirada em Bourdieu, Faria, Nosella, de que os conteúdos dos livros didáticos refletem a ideologia das classes dominantes”, teve mérito de sacudir a ingenuidade dos professores que encaravam e ainda encaram esses conteúdos como a “verdade histórica”, definitiva, e não como uma “construção efetuada pelos ideólogos das classes dominantes. (FARIA, pp 89, 1986), apresentava e ainda apresenta o equívoco de não perceber a contradição presente, em maior ou menor medida, na ideologia e, portanto, nos livros didáticos de História.

Referências

- [1] ARANHA, M^a Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Ed. Contexto, 1997.
- [2] BOYNARD, Alúcio Peixoto. **A Reforma do Ensino: lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971**. Brasília: Ed. LISA, 1975.
- [3] BITTENCOURT, Circe M^a F. **Livro Didático e Conhecimento Histórico: uma História do saber Escolar**. Tese de doutorado em História Social, USP, 1993.

[4] BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé. **As Escolas Históricas**. Lisboa: Ed. Europa-América, 2000.

[5] BURKE, Peter. **A Escola dos Annales – 1929 – 1989 – A Revolução Francesa da Historiografia**. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.

[6] BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

[7] BURKE, Peter. **A Escrita da História – Novas Perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

[8] CHAUI, Marilena. **O que é Ideologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

[9] DAVIES, Nicholas, **O livro didático de história: Ideologia dominante ou ideologias contraditórias?**. Dissertação de Mestrado em Educação, Niterói, RJ, UFF, 1991.

[10] ECO, Humberto, **Mentiras que parecem Verdades**. São Paulo: Summers Ed., 1972.

[11] FARIA, Ana Lúcia G. de, **Ideologia do Livro Didático**. São Paulo: Ed. Cortez, 1986.

[12] FRANCO, M^a Laura P. Barbosa. **O Livro Didático de História do Brasil: A versão fabricada**. São Paulo: Ed. Global, 1982.

[13] FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996.

[14] MATTOS, Ilmar R.(org.). **Histórias do Ensino da História no Brasil**. RJ, Access, 1998.

[15] MUNAKATA, Kazumi. História que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura. In Marcos de Freitas (org.), **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. São Paulo: Ed. Contexto, 1998, pp.271-296.

[16] NETO Antonio S. Almeida. **O ensino de História no período militar: práticas e cultura escolar**. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo, FEUSP, 1996.

[17] NOSELLA, M^a de Lourdes Chagas Deiró. **As Belas Mentiras, A ideologia subjacente aos textos didáticos**. São Paulo: Ed. Moraes, 1981.

[18] **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's)**, 5^a a 8^a séries, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos.

[19] PILETTI, Nelson. **História da Educação do Brasil**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

[20] REZNIK, Luis. **Tecendo o amanhã, A história do Brasil no ensino secundário: programas e livros didáticos, 1931 a 1945.** Dissertação de Mestrado, Niterói, RJ, IFCS/UFF, 1992.

[21] RIBEIRO, Renilson Rosa. **Colônia (s) de Identidades: Discursos sobre a raça nos manuais escolares de História do Brasil.** Dissertação de Mestrado em História Cultural, Campinas, SP, UNICAMP, 2004.

[22] SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Cortez, 1976.